

3. DA APRENDIZAGEM

Giosa, 2010



HQ (História em quadrinhos)
de autoria de Marcilene de Jesus Elvira

Para quem bem viveu o amor
Duas vidas que abrem
Não acabam com a luz
São pequenas estrelas que correm no céu
Trajetórias opostas
Sem jamais deixar de se olhar
É um carinho guardado no cofre de um coração que voou
É um afeto deixado nas veias de um coração que ficou
É a certeza da eterna presença
Da vida que foi na vida que vai
É saudade da boa
Feliz cantar
Que foi, foi, foi,
Foi bom e prá sempre será
Maravilhosamente amar.
(Feliz, Gonzaguinha)

Para começar a relatar como comecei a me envolver com a Psicologia Analítica, Antropologia do Imaginário e, posteriormente à espiritualidade no ensino de Inglês, reporto-me às minhas bases educacionais familiares.

Meu avô era cantor de ópera e fazia guarda-chuvas artesanais – direcionando, portanto, seu olhar às artes. Era o coração vivo e pulsante da família cuja sensibilidade feminina ficava evidente em cada palavra e ação. Minha avó, também grande artesã de tais guarda-chuvas, cozinhava como ninguém – cujo bife que preparava, sinto o cheiro e gosto até hoje. Ao mesmo tempo, mostrava-me o rigor das ações porque era a avó que mandava na casa e cuidava das finanças. Ambos faziam-me sentir o mundo pela sensibilidade de suas ações. A partir de então, no meu trabalho como professora de inglês resgatei as bases da cultura britânica – a tradição cultural celta - e, ao mesmo tempo, a minha própria ancestralidade. Por isso, inicio essas palavras com a música acima – que é uma homenagem aos meus iniciadores no terreno educacional. Foi com eles que vivenciei o que se chama hoje, no terreno educacional, de *Educação de Sensibilidade*.

Ampliando o termo, uma educação com o objetivo de sensualizar o pensamento racional; uma direção ao sentir, fazendo com que o indivíduo sinta o mundo por meio de seu campo perceptivo: o incentivo à intuição, à criatividade, à imaginação – assim como a minha ancestralidade me levou a sentir a música, o alimento, o acolhimento, o rigor das

ações. Com essa base educacional comecei a formar as minhas Távolas Redondas – cujo símbolo para mim, é muito forte.

A Távola era a mesa em forma de círculo, onde o Rei Arthur reunia seus cavaleiros antes das batalhas e discutia assuntos do reino. Merlin, o mago e conselheiro de Arthur, construiu a Távola como forma de fortificação do grupo porque o círculo traz a posição de igualdade. Lá, compartilhavam da melhor comida e bebida.

Essa minha Távola-base foi que me deu sustentação para eu seguir o caminho que eu escolhi seguir em meio ao qual construí outras Távolas: os grupos de oração; do clube, da dança, do inglês, das amigas, os grupos de estudo, os meus alunos, e a minha mais recente Távola composta pelo Professor Ruy e meus queridos amigos.

A Távola evoca o grupo – o que para mim é fundamental para podermos trilhar o nosso caminho de individuação, como proposto por Jung ou *INDIVIDUAÇÃO*, (Bernardi) – termo que creio não ser necessário explicar teoricamente, apenas imaginá-lo. Complemento com uma citação de um autor chamado Gusdorf que diz o seguinte: “Será a boa orquestra que faz os bons instrumentistas ou os instrumentistas é que fazem o valor da orquestra?”

Nas estórias arturianas, os cavaleiros de Arthur sempre saem em grupo para as batalhas, mas a busca pelo Graal é individual. Ou seja, o grupo faz parte da identidade do cavaleiro porque constitui a Távola Redonda do Rei Arthur e essa, por sua vez, a identidade de cada cavaleiro; e cada um, com sua individualidade, suas características de um bom cavaleiro (guerreiro, respeitador, fiel ao rei e, sobretudo, respeitador da dama) é que davam sustentação à Távola de Arthur. O aspecto de “respeitar a dama”, simbolicamente refere-se ao nosso encontro com a nossa interioridade, com a nossa alma de aprendiz da vida, à busca do nosso Graal, ou à busca de nossa espiritualidade – como discute o grupo do Prof. Ruy.

Para os celtas, o Graal é o caldeirão do Renascimento, da Abundância e da Inspiração. Também abarca o conceito de círculo – processo da vida, do nascimento e da morte. Significa taça, caldeirão e é um objeto de onde se irradia a graça. Ao mesmo tempo, evoca a imagem do alimento – que na sexta-feira santa é trazido para ser colocado dentro do recipiente com o objetivo de renovar seu poder de doador de alimento. O Graal – enquanto doador de alimento e enquanto objeto que irradia a graça, encontra-se no meio da minha Távola Redonda, alimentando-a.

Cada cavaleiro sai em busca de sua alma escondida, do Graal, ou seja, do enfrentamento do guerreiro com o amante limpo de coração – que é o que permite ouvir a voz desse coração ao tomar suas decisões. Portanto, essa busca é árdua.

Perceval, o cavaleiro tolo que sofre todas as intempéries para ir atrás do Graal, sai para tentar fazer parte da Távola de Arthur. Sua mãe o previne para ficar sempre de boca fechada, não responder perguntas ou fazer perguntas indevidas. E a pergunta que o acompanha é: A que serve o Graal? – pergunta essa que ele não responde. Em meio à sua aventura, depois de momentos de extrema dificuldade, após a morte de todos os cavaleiros da Távola Redonda, restando, portanto, somente ele, Perceval é jogado nas águas de um rio com sua forte e pesada armadura, até que ele começa a se desfazer da armadura e sai quase desnudo da profundidade das águas e depara-se com a porta do castelo onde o Rei Pescador (Arthur) encontrava-se gravemente ferido. É nesse momento que Perceval responde a pergunta: A que serve o Graal? - cuja resposta é “A ti, senhor”. Ou seja, quando Perceval reconhece a importância do Outro, do rei, é que ele consegue responder à pergunta e assim, salvar o rei de sua enfermidade.

Isso não significa o fim dos problemas de Perceval, mas o reconhecimento de ações, de relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Jung chama esse reconhecimento de “alteridade”. Durand (2001) chama de Trajeto Antropológico. Espiritualidade, segundo o Prof. Ruy do Espírito Santo.

Explicando esse Trajeto, vou apontar as sensibilidades que nós possuímos, no nosso corpo, que estão em nós e que desenvolvemos ao longo desse Trajeto.

- Sensibilidade heróica – que nos impulsiona para o novo, para a luta e que hoje em dia pode caracterizar um herói mais racionalista, mais guerreiro, cujo símbolo, de modo mais exacerbado, pode ser a espada sangrenta, a luz excessiva, a ascensão; os heróis americanos que assolam as telas de TV, mostrando-se cada vez mais “bravos”. Atento para o fato de que não se trata de uma sensibilidade ruim, mas sim, um excesso da sensibilidade heróica no século XXI, dificultando o emergir das outras duas sensibilidades abaixo:

- Sensibilidade mística – que nos impulsiona para a profundidade, cujos símbolos podem ser a água, o Graal, caracterizando um herói mais preocupado com sua interioridade, como o Perceval.

- Sensibilidade dramática – que seria um equilíbrio entre as duas sensibilidades anteriores. O conceito de “alteridade”, proposto por Jung. Como símbolo, a Roda, a Távola. Aqui, o exercício da espiritualidade se faz presente.

Com isso, quero dizer que no decorrer dessa nossa Trajetória Antropológica, buscamos nosso Graal e formamos nossas próprias Távolas.

Trilhando esse meu caminho de individuação, comecei a conhecer e a me apaixonar pelo herói arturiano e a me embrenhar nessa jornada com o Rei e seus cavaleiros. O Ciclo do Rei Arthur marca a passagem de um herói patriarcal, digamos, racional, mais guerreiro, para o herói Perceval, que ouve a sua voz interior, o coração – ou o herói Arthur quando ouve a Dama do Lago e, por isso, é capaz de entregar a espada a ela ao final de sua jornada. Ou seja, o herói arturiano desenvolve o sentir e passa a ter a dama, sua alma ou anima como guia. Então, o grande desafio de Arthur e seus cavaleiros é conciliar razão e sensibilidade – é o conhecer-se internamente; agir pela via da sensibilidade - por isso é que fiquei fascinada pelo mito arturiano. Mesmo porque, creio que este é o meu momento de conhecimento próprio, do mundo e daqueles com quem convivo.

Falar em Távola Redonda alimentada pelo Graal, buscar esse Graal, essa alma não significa algo simples, místico ou simplesmente sentimental. Estaria esse herói buscando sua espiritualidade?

Creio que sim. Alma, como diz Jung é Psique = sopro vital, sede dos desejos, das emoções, dos mistérios; alma é construção, um movimento de enfrentamento das sensibilidades que nos habitam; é o “fazer junto” para nós indivíduos. Semelhantemente, espiritualidade é mergulhar no significado da nossa existência, fazendo com que nossa trilha de individuação faça sentido para nós. Para tanto, a via de ação é pelo simbólico por ser algo importante, significativo para cada um porque o símbolo ativa a imaginação, a criatividade e a narrativa mítica faz com que cada símbolo tenha um significado específico para cada pessoa em cada momento de sua vida. Portanto, quando falamos em “simbólico” falamos no que é mais significativo para nós em diferentes momentos de nossas vidas.

Assim sendo, voltando à Távola, o que é necessário é “fazer alma” – quando é possível, então, emergir a interioridade do grupo (e suas diversas sensibilidades).

Compreendo meus queridos grupos, então, pelo mito – tentando efetuar uma mudança de olhar, de encarar o mundo e, sobretudo, o campo educacional. É observando as sensibilidades que nos envolvem e tentando trazer, um pouco mais à tona, o emergir da sensibilidade mística e dramática neste mundo racionalizado em que vivemos, é que proponho trabalhar o ensino de inglês pela mitologia – encarando-o como meu grande desafio. As estórias míticas estão presentes na mente de todos os povos, sendo semelhantes, porém com nomes diferentes em diversas partes do mundo – o que é fascinante porque à medida que ouvimos uma narrativa mítica, vivemos diferentes modalidades de encarar a vida. Então, o mito, por sua vez, é o que eu chamo de “sensibilidade da alma”.

Então, eu busco na mitologia arturiana, conhecer as minhas próprias experiências de vida. Por exemplo, a minha ancestralidade, a educação de sensibilidade que começou com meus avós. Começo a experimentar a espiritualidade em mim.

Parto do mito arturiano para um conhecimento mais intenso da cultura inglesa, para tentar observar o meu fascínio por essa cultura, e como eu poderia partilhar esse sentimento com meus alunos. Como eu poderia ensinar Inglês pela mitologia, ou seja além da língua pela língua, construindo uma prática em que cada aluno pudesse mergulhar um pouco na aprendizagem dessa língua, compreendendo sua cultura, os costumes de um povo, contribuindo, talvez, para a diminuição da aridez educacional, no momento em que encorajo meus alunos a criarem, a imaginarem sua relação com a língua. Dessa forma, ajudo a mim mesma, pois acabei me envolvendo num ambiente educacional extremamente prazeroso.

Assim sendo, a Távola redonda, é um símbolo altamente significativo para mim – que me deu e dá sustentação para eu ir em busca de meu próprio Graal. E com as minhas Távolas, compartilho novos conhecimentos e deixo-as alimentada pela imagem abaixo com o intuito de que, cada um, ao olhar para ela, pense nos seus próprios símbolos significativos e pense, também, como uma espada devolvida para uma dama, para a profundidade das águas pode levar cada um a buscar seu próprio Graal.



**Imagem extraída da internet
(sem referencia ao autor ou site)**